



Ciência e Filosofia

Alécio Vidor

Faculdade Antonio Meneghetti – alecio@faculdadeam.edu.br

Eixo Temático: Humanismo & Complexidade

Segundo o Positivismo todo o conhecimento nos advém de uma experiência positiva, referente a fatos particulares e, a indução é a base de todo processo de pensamento científico. A ciência tem por objeto somente o que é experimentalmente constatado e reconhecido: “O real simplesmente se esgota na ciência” (LOGOS ENCICLOPÉDIA, 1989, p. 364).

Científico é o que se descobre mediante a observação e o raciocínio, estas são as leis efetivas, ou melhor, as relações invariáveis entre os fatos: “A relação entre os fenômenos particulares e alguns fatos gerais, constitui a lei, como um fato constante que prevê os particulares” (FABRO, 1959, p. 629). A ciência é um saber relativo para prever.

No Positivismo a Filosofia fica reduzida à tarefa de organizar todas as ciências numa visão sintética geral, dominada por um conceito unitário de método e de doutrina.

O Positivismo abandonou a investigação das essências-causas e só reconhece a ciência experimental como o modelo de conhecimento humano por excelência. Ele exclui as noções de ordem teológica e metafísica, porque a teologia recorre a causas sobrenaturais e misteriosas e a metafísica apoia-se em forças ou entidades abstratas.

A visão positivista dá preeminência a uma metodologia quantitativa e tem por objetivo unificar as ciências, dotando-a de uma metodologia universal única.

Augusto Comte¹ nega, desde o princípio, o valor de ciência à Psicologia, considerando que não é possível que “o cérebro tenha por função pensar e conjuntamente observar que pensa” (FABRO, 1959, p. 629). Para Comte, a observação pode ser feita somente sobre os outros. Isto supõe que o conhecimento está reduzido ao externo e ao biológico, e a ciência deve ater-se à observação histórica dos fatos.

Mais tarde o médico e professor de fisiologia Wundt² fundou o primeiro instituto de Psicologia experimental na Europa, e este instituto serviu de modelo a outros países. Com isto a Psicologia foi subordinada à metodologia positivista.

¹ Augusto Comte (1789-1857).

² W. Wundt (1832-1920).



Na visão da Psicologia do comportamento:

A vida é uma energia interna capaz de adaptar-se aos poucos às condições do ambiente externo e desenvolver-se sempre mais (...). A experiência do indivíduo é o resultado de experiências mais ou menos continuadas, por longo tempo, sem que sejam estabelecidas e fixadas pela espécie (FABRO, 1959, p. 633).

Em base a tais princípios opinativos tornou-se possível a Psicologia do condicionamento operante.

Não se nega que o Positivismo prestou um serviço de valor, enquanto ele fornece subsídios de informação ao ser humano, criando recursos técnicos que facilitam e oferecem conforto e bem-estar, além de conhecimentos novos úteis e funcionais à vida humana.

O problema surge quando este modelo de conhecimento, com sua metodologia, apresenta-se como de valor absoluto e único, colocando a Filosofia em sua dependência e apresentando-se como fundamento da ciência, ao invés de ser proposto como instrumento relativo.

Os pressupostos admitidos de tais pretensões teóricas não são examinados, embora não tenham nascido de experiências perceptíveis por um observador qualificado.

Pressupor a completa adaptação da vida a estímulos externos, sem compreendê-la interiormente, em sua ordem, é uma opinião que faz violência às regras inerentes na vida humana. Esta pressuposição não nasce da experiência, mas da projeção de uma consciência alienada e ignorante das várias linguagens que a vida usa através do organismo e que passam pela experiência.

O Positivismo, mediante a exigência de uma metodologia construída para examinar o externo, transformou tal metodologia como única para qualquer setor de investigação e atrofiou a evolução científica por delimitar a percepção apenas ao uso dos cinco sentidos externos auxiliados por instrumentos.

No entanto, fechou a possibilidade ao cientista de ampliar sua percepção própria, para poder colher o reflexo integral de suas experiências, porque as doenças, sonhos, emoções, etc., são fenômenos de experiências que necessitam ser lidas como linguagens expostas no organismo, provenientes da vida íntima.

O organismo humano é o primeiro objeto de observação, visto ser ele o tradutor de qualquer experiência, e as evidências das informações oriundas da experiência exigem a percepção correta do cientista.



Os dados interiores da vida expostos em experiências organísmicas são linguagens manifestas que o canal dos sentidos externos não colhe por serem voltados para fora.

Só a percepção de um cientista qualificado colhe tais informações. Há um nível de percepção que, mediante variações de ondas é possível perceber pelas oscilações emotivas ou psíquicas a informações que a vida transmite de si mesma. E quando tais informações deixam de ser percebidas pelo cientista, a vida repropõe nas experiências de sonhos, de disfunções, etc.

Portanto, não se trata de observar os pensamentos, conforme Comte afirmou, mas de observar experiências que produzem os pensamentos provenientes de estruturas subjetivas fixadas pela cultura assimilada e que não refletem a ordem interna da vida.

As medidas quantitativas, baseadas em convenções e aprovações numéricas, pretendem dar um fundamento ao método que se propõe como único, sem levar em conta a observação e percepção de qualidade.

A observação de qualidade requer uma nova percepção que só o cientista de competência pode obter com evidência.

Um observador comprometido, com opiniões esquematizadas e não justificadas por evidência, não tem condições de propor como fundamento da ciência aquilo que é, apenas, um dos instrumentos relativos para elaborar ciência.

Os métodos podem ser inovados e aprimorados em base a um critério que dê evidência entre saber e ser para sustentar a verdade científica. A ciência tem origem na e da vida humana e quem não reflete as informações da vida que nasceu do íntimo, perde o fundamento de origem da verdade científica.

O Positivismo esquematizou modelos técnicos a serem ensinados para o exercício das profissões e isto aprimorou a competência profissional, mas enquanto ele deixa de lado, por desconhecer, a necessidade de cultivar os valores pessoais que realizam o projeto de vida de cada pessoa humana, ele pode prejudicar a dignidade e o processo de humanização.

A Enciclopédia Logos adverte que “o ensino superior está adstrito à formação profissional” (LOGOS, vol.4, 1989, p. 364), e o homem é mantido como um desconhecido em seu valor pessoal e humano.

Transpor um método usado apenas para formalizar leis do mundo externo, não funciona para entender o mundo-da-vida, porque sendo este íntimo, não pode contentar-se com uma Psicologia que descreve efeitos, lendo como causas tão somente as externas. As



doenças, primariamente, decorrem de erros cometidos contra a própria vida e se originam de intenções conscientes ou inconscientes do próprio doente ou suicida.

A consciência do homem deve passar por um processo de revisão e autenticação para que o eu saiba perceber e medir o equilíbrio entre o mundo externo e o mundo-da-vida, porém, se o raio da percepção não for ampliado para além dos cinco sentidos externos, a evidência da verdade, adequada ao conhecimento humano, não será alcançada.

Uma metodologia fixa e única impede de fundamentar o saber no ser e para alcançar a verdade: “ser e saber são o mesmo”. A metodologia fixa e única força os pesquisadores a repetir sempre do mesmo modo, independente de qual seja o objeto a ser conhecido, isto exclui a possibilidade criativa e a evolução científica.

A Ontopsicologia não exclui o método proposto pelo Positivismo, mas como ampliou o raio da percepção humana para além dos sentidos externos, pode colher informações derivadas diretamente do interior da vida: os campos semânticos e, mediante tais conhecimentos, resgatou os valores adequados para cultivar e construir a dignidade da pessoa humana e retomar o caminho do humanismo perene.

Referências

CABRAL et. al. **Logos**: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. v. 1 e 4. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1989.

FABRO, C. **Storia della Filosofia**. v. II. Roma: Coletti, 1959.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2010.